

Ciências do Esporte e Educação Física: Uma nova Agenda para a Emancipação 2

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Wendell Luiz Linhares
(Organizador)

Ciências do Esporte e Educação Física: Uma nova Agenda para a Emancipação 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
C569	<p>Ciências do esporte e educação física: uma nova agenda para a emancipação 2 [recurso eletrônico] / Organizador Wendell Luiz Linhares. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ciências do Esporte e Educação Física. Uma Nova Agenda para a Emancipação; v. 2)</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-567-9 DOI 10.22533/at.ed.679190209</p> <p>1. Educação física – Pesquisa – Brasil. 2. Políticas públicas – Esporte. I. Linhares, Wendell Luiz. II. Série.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613.7</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A Educação Física tem possibilitado aos seus profissionais, a tentativa de a partir dos diversos fenômenos, sejam eles de cunho biológico, fisiológico, pedagógico, sociais e entre outros, a busca da compreensão do “novo” para a área. Neste sentido, o volume dois do e-book “Ciências do Esporte e Educação Física: Uma Nova Agenda para Emancipação”, configura-se numa obra composta por 20 artigos científicos, os quais estão divididos por três eixos temáticos. No primeiro intitulado “Educação Física, Práticas Pedagógicas, Currículo e Inclusão”, é possível encontrar estudos que discutem diferentes aspectos, distintos, entretanto, interdependentes da Educação Física Escolar, a partir de aspectos teóricos e empíricos e como esses influenciam ou podem contribuir para uma melhor prática docente. No segundo eixo intitulado “Avaliação, Capacidade Física e Exercício”, é possível verificar estudos que apresentam enquanto características, aspectos biológicos e fisiológicos relacionados ao exercício físico e como este pode ser utilizado para a avaliação das capacidades físicas em diferentes sujeitos. No terceiro eixo intitulado “ Políticas Públicas, Jogos, Esporte e Lazer”, é possível encontrar estudos que tratam da relação Esporte-Lazer e como, não só as Políticas Públicas, mas também, a memória, se articulam para o fomento dos aspectos mencionados anteriormente. O presente e-book reúne autores de diversos locais do Brasil e, por consequência, de várias áreas do conhecimento, os quais abordam assuntos relevantes, com grande contribuição no fomento da discussão dos temas supracitados.

Portanto, é com entusiasmo e expectativa que desejo a todos uma boa leitura.

Wendell Luiz Linhares

SUMÁRIO

EIXO 1 – EDUCAÇÃO FÍSICA, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS, CURRÍCULO E INCLUSÃO

CAPÍTULO 1	1
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
Claudio Roberto de Jesus Pereira Rafaela Gomes dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6791902091	
CAPÍTULO 2	12
TRAJETÓRIAS FORMATIVAS: ESTÁGIO SUPERVISIONADO E PIBID NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA	
Leonardo Rocha da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.6791902092	
CAPÍTULO 3	17
PERFIL, FORMAÇÃO, SABERES E EXPERIÊNCIAS DOS DOCENTES SOBRE O ENSINO-APRENDIZADO DO ATLETISMO	
Janaina Andretta Dieder Alexandre José Höher Gustavo Roesse Sanfelice	
DOI 10.22533/at.ed.6791902093	
CAPÍTULO 4	31
PROGRAMA PIBID- CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SUPERVISORES NO QUE SE REFERE A INCLUSÃO ESCOLAR	
Diana de Souza Moura Robson Alex Ferreira Viviany da Silva Brugnago Josielen de Oliveira Feitosa Daiany Takekawa Fernandes Meire Ferreira pedroso da costa Jucelia Maria da Silva Wanessa Eloyse Campos dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.6791902094	
CAPÍTULO 5	43
QUALIDADE DE VIDA DE ESCOLARES: PERSPECTIVAS PARA NOVOS TEMAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	
Vickele Sobreira Roberto Furlanetto Júnior Vilma Lení Nista-Piccolo	
DOI 10.22533/at.ed.6791902095	

CAPÍTULO 6 54

PROJETO VI-VENDO ESPORTE: REDISCUTINDO A FUNÇÃO PEDAGÓGICA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Felipe Souza de Brito
Nathalia Dória Oliveira
Mariza Alves Guimarães

DOI 10.22533/at.ed.6791902096

CAPÍTULO 7 60

OS DESAFIOS DA IMPLANTAÇÃO DO TÊNIS COMO COMPONENTE DO CURRÍCULO ESCOLAR

David Alisson Rodrigues da Silva
Karine Miranda Pettersen

DOI 10.22533/at.ed.6791902097

CAPÍTULO 8 71

OS JOGOS OLÍMPICOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE PRÁTICA

Robinson Luiz Franco da Rocha

DOI 10.22533/at.ed.6791902098

CAPÍTULO 9 79

PRÁTICAS PSICOPEDAGÓGICAS: TIME-V: TREINO PARA INCLUSÃO, MOVIMENTO ESPORTE E VIDA

Mariana França Machado
Jéssica Fraga Dalgobbo

DOI 10.22533/at.ed.6791902099

EIXO 2 – AVALIAÇÃO, CAPACIDADE FÍSICA E EXERCÍCIO

CAPÍTULO 10 87

OS EFEITOS DE UM PROGRAMA DE EXERGAMES NO FUNCIONAMENTO EXECUTIVO E NO DESEMPENHO ACADÊMICO DE ESCOLARES NUMA PERSPECTIVA NEUROPSICOPEDAGÓGICA

Fabício Bruno Cardoso
Aline Cabreira Pinheiro
Saulo Souza
Danilo Cunha
Pablo Gandra
Austrogildo Hardmam Junior
Cleonice Terezinha Fernandes
Alfred Sholl Franco

DOI 10.22533/at.ed.67919020910

CAPÍTULO 11 98

TREINAMENTO DE FORÇA EM IDOSOS E SEUS BENEFÍCIOS: UM ESTUDO DE REVISÃO

Mauro Castro Ignácio
Walter Reyes Boehl
Augusto Dias Dotto
Anderson da Silveira Farias
Bruna Brogni da Silva
Paloma Müller de Souza
Guilherme de Oliveira Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.67919020911

CAPÍTULO 12 104

TREINAMENTO FUNCIONAL PARA IDOSOS

Givanildo de Oliveira Santos
Westter Vinicio Vieira Alves
Hugsom Vieira Alves

DOI 10.22533/at.ed.67919020912

CAPÍTULO 13 114

RELAÇÃO ENTRE OS EXERCÍCIOS AERÓBICOS E QUALIDADE DE VIDA DE PESSOAS QUE VIVEM COM HIV/AIDS

Saulo Freitas Pereira
Francisco Renato de Oliveira Vitor
Kerginaldo Leite de Souza
Adson Batista da Mota
Carlos Alberto de Medeiros Silva
Sandro Elias de Medeiros Filho
Leylson Roberto Lopes de Freitas
Dimas Anaximandro da Rocha Morgan
Állan Frederico Medeiros da Silva

DOI 10.22533/at.ed.67919020913

CAPÍTULO 14 122

RELATO DE EXPERIÊNCIA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DA AVALIAÇÃO DA COMPOSIÇÃO CORPORAL COM O PÚBLICO HIV/AIDS

Silvana Corrêa Matheus
Camila Valduga
Bruna dos Santos
Mauri Schwanck Behenck
Uliana Soares Schaffazick
Renata Palermo Licen

DOI 10.22533/at.ed.67919020914

CAPÍTULO 15 127

QUALIDADE DE VIDA E INTERESSE PELA PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍSICOS DE PESSOAS COM MOBILIDADE REDUZIDA NA CIDADE DO RJ

Edvaldo de Farias
Florisfran Melo Soares

DOI 10.22533/at.ed.67919020915

CAPÍTULO 16 141

PRÁTICAS CORPORAIS PARA A SAÚDE DO TRABALHADOR DA SEDUCE-GO: A EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA BIOPSISSOCIAL

Max Santana Cananéia
Rafael Vieira de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.67919020916

CAPÍTULO 17 145

PADRÃO DO SONO RELACIONADO A PRÁTICA DE ATIVIDADE FÍSICA EM ACADÊMICOS DO NÍVEL SUPERIOR

Edvando Trajano Freitas Júnior
Paula Rocha de Melo
Celina Maria Pinto Guerra Dore

DOI 10.22533/at.ed.67919020917

EIXO 3 – POLÍTICAS PÚBLICAS, JOGOS, ESPORTE E LAZER

CAPÍTULO 18	156
ESPAÇOS PÚBLICOS DE LAZER NO MUNICÍPIO DE SAPUCAIA DO SUL/RS	
Walter Romeu Bicca Júnior	
Natalia Silveira Antunes	
Jenifer Thais Pagani	
Luana Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.67919020918	
CAPÍTULO 19	171
ESPORTES NA BAHIA: REGISTROS DE MEMÓRIAS EM JORNAIS DO INTERIOR DO ESTADO – 1910 – 1929	
Roberto Gondim Pires	
Cleber Dias	
Tayná Alves de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.67919020919	
CAPÍTULO 20	181
A LINGUAGEM-EXPRESSIVA-CRIADORA DA DANÇA: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA	
Danieli Alves Pereira Marques	
Marília Del Ponte de Assis	
Aguinaldo Cesar Surdi	
Elenor Kunz	
DOI 10.22533/at.ed.67919020920	
SOBRE O ORGANIZADOR	188
ÍNDICE REMISSIVO	189

PROGRAMA PIBID- CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SUPERVISORES NO QUE SE REFERE A INCLUSÃO ESCOLAR

Diana de Souza Moura

Secretária de Estado de Educação
Campo Novo do Parecis-MT

Robson Alex Ferreira

Universidade do Estado de Mato Grosso
Cáceres-MT

Viviany da Silva Brughago

Universidade Estadual de Londrina
Londrina-PR

Josielen de Oliveira Feitosa

Daiany Takekawa Fernandes

Meire Ferreira pedroso da costa

Jucelia Maria da Silva

Wanessa Eloyse Campos dos Santos

RESUMO: A presente pesquisa se deu com o intuito de investigar como os professores supervisores do programa PIBID compreendem a inclusão escolar, pois a inclusão é algo presente e esses professores contribuem na formação inicial de outros professores. Sendo assim a pesquisa se originou com a seguinte problemática “os professores supervisores do PIBID encontram-se alicerçados teoricamente para contribuir com a formação inicial dos futuros professores quando se almeja a inclusão de todos em sala de aula?” tendo assim como objetivo analisar a concepção dos professores supervisores do PIBID no que se refere a inclusão escolar, fazendo uma análise de como

se dá essa concepção, relacionando o preparo considerado por cada professor e as principais dificuldades enfrentadas para se trabalhar a inclusão escolar. A pesquisa se caracteriza como uma pesquisa qualitativa descritiva. A coleta de dados se deu através de entrevistas realizadas com 4 (quatro) professores supervisores do programa PIBID que atuam na rede municipal e estadual de ensino no estado de Mato Grosso. Os resultados das informações coletadas através da entrevista foram discutidos e analisados de forma qualitativamente. A partir dos resultados que tivemos concluímos que os professores supervisores compreendem o significado de inclusão e buscam aplicar a mesma em suas aulas. Mas ainda sim sentem dificuldades no que diz respeito a este tema, no entanto buscam informações e adaptações com o propósito de que suas aulas atinjam todos os alunos.

PALAVRAS-CHAVE: inclusão escolar, formação de professores, programa PIBID.

PROGRAM PIBID- CONCEPTIONS OF TEACHERS SUPERVISORS AS REGARDS SCHOOL INCLUSION

ABSTRACT: The present paper was performed with the purpose of investigating how the supervisors of the PIBID program understand

the inclusion of school, since inclusion is present at all times and these teachers contribute in the initial formation of other teachers. Therefore, paper originated with the following problem: “are the supervisors of PIBID found theoretically grounded to contribute to the initial training of future teachers when the inclusion of everyone in the classroom is desired?”, having as objective to analyze the PIBID supervisors teachers conception with regard to school inclusion, analyzing how this concept is given, relating the preparation considered by each teacher and the main difficulties faced in working towards school inclusion. The paper is characterized as a qualitative descriptive paper. Data collection was done through interviews with 4 (four) supervisors of the PIBID program that work in the municipal and state educational network in the state of Mato Grosso. The results of the information collected through the interview were discussed and analyzed in a qualitative way. From the results we have concluded that supervisors understand the meaning of inclusion and seek to apply the same in their classes. But they still have difficulties with regard to this topic, however, they seek information and adaptations in order for their classes to reach all students.

KEYWORDS: School inclusion; Teacher training; PIBID program.

1 | INTRODUÇÃO

O tema inclusão vem sendo discutido de diversas maneiras desde que se passou a incluir alunos com algum tipo de deficiência no sistema regular de ensino. De acordo com Sasaki (1997), a inclusão social vem acontecendo e se efetivando em países desenvolvidos desde a década de 80. Já no Brasil foi só a partir da Constituição da República Federativa de 1988 que aumentou o número de estudos voltados para essa área (AGUIAR, 2002; 2004).

Segundo Sasaki (1997) a inclusão é um processo que exige transformações nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com deficiência, para que se alcance toda a sociedade, para que haja aceitação e valorização das diferenças individuais humanas, por meio da compreensão e da cooperação. A verdadeira inclusão deve, necessariamente, permitir o princípio da igualdade de direitos.

Enquanto que para Mantoan (2003, p. 31) “a inclusão é a modificação da sociedade, sendo ela adaptada para receber as pessoas com deficiência”, a autora acredita que a inclusão não é apenas a escola preparar o seu ambiente escolar para a inclusão do aluno, ou seja os alunos se adaptarem para serem incluídos na escola, é necessário também que a escola mude para receber esses alunos.

A educação inclusiva emergiu apoiada pela Lei nº 13.146/2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) que tem como objetivo assegurar e promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. Sendo assim a escola deve assumir o papel de educar cada estudante, contemplando a pedagogia da diversidade, pois

todos os alunos deverão estar dentro da escola regular, independentemente de sua origem social, étnica ou linguística.

Assim, de acordo com Mazzota (1996), a implementação da inclusão tem como pressuposto um modelo no qual cada criança é importante para garantir a riqueza do conjunto, sendo desejável que na classe regular estejam presentes todos os tipos de aluno, de tal forma que a escola seja criativa no sentido de buscar soluções visando manter os diversos alunos no espaço escolar, levando-os a obtenção de resultados satisfatórios em seu desempenho acadêmico e social.

Mas quais seriam os objetivos da escola inclusiva? De acordo com Oliveira e Poker (2002) os objetivos da escola inclusiva é proporcionar uma educação apropriada e de qualidade para todos os alunos levando em consideração os alunos com necessidades educacionais especiais nas classes de ensino regular onde deverá ser desenvolvido um trabalho pedagógico que abranja todos os alunos. Sendo assim a escola inclusiva é onde todos os alunos são incluídos independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica, étnica ou cultural.

Para que a inclusão escolar seja possível é necessário o envolvimento de todos do ambiente escolar e do ambiente familiar, pois é de suma importância a participação ativa dos familiares, já que na maioria das vezes os próprios familiares se tornam um obstáculo devido a negação da deficiência, sendo que os mesmos são essenciais para que a inclusão alcance seus objetivos no processo de ensino- aprendizagem. Como nos mostra Moantoan (2003) quando diz que os pais podem ser grandes aliados na reconstrução da escola brasileira, pois os pais estimulam e reivindicam, exigindo o melhor para seus filhos independente se há deficiência ou não.

A participação ativa dos familiares na vida escolar auxilia muito no processo da escola inclusiva, pois os familiares participando ativamente, os mesmos podem exigir o melhor para seus filhos independente se está relacionado a deficiência.

Como podemos perceber é de suma importância o envolvimento de todos para que se alcance a inclusão de fato, logo, os professores também são responsáveis pelo processo de inclusão, pois são os professores que se encontram em contato direto com os diversos tipos de alunos, sendo assim a formação inicial e continuada dos professores, precisa ser construída e pensada em ações que promovam uma educação de qualidade para todos.

Em relação a formação dos professores Mantoan (2003, p. 43) destaca dentre outros fatores que “todos os níveis de cursos de formação de professores devem sofrer modificações nos seus currículos, de modo que os futuros professores aprendam práticas de ensino adequadas às diferenças”. A autora aponta que todos os cursos que formam professores precisam sofrer modificações para que seja possível uma melhor aprendizagem sobre as diferenças, sobre a inclusão, para que os mesmos se tornem mais preparados.

Assim a formação inicial e continuada dos professores precisa sofrer modificações para que seja possível a ampliação dos conhecimentos, principalmente

no que diz respeito à inclusão, pois acreditamos que os cursos superiores e as instituições de ensino podem estar negligenciando essa temática para se dedicar a situações ideais de ensino aprendizagem.

A disciplina de Educação Física não pode ser neutra no que se refere a inclusão, pois pode auxiliar a escola para que a mesma se torne mais inclusiva. Para tanto, há necessidade que os cursos de educação superior, que formam o licenciado em Educação Física, desenvolvam competências para esse fim.

Um dos motivos que pode contribuir para as dificuldades que os professores enfrentam a fim de proporcionar uma Educação Física Inclusiva é o fato de que apenas a partir da década de 80 que se iniciou disciplinas específicas voltadas para a inclusão, ou seja os professores que se formaram antes da década de 80 não tiveram disciplinas específicas que tratassem da inclusão, sendo assim, não obtiveram conhecimentos específicos no que diz respeito a inclusão escolar.

“A Educação Física Adaptada surgiu oficialmente nos cursos de Graduação através da resolução 03/87 do Conselho Federal de Educação, prevendo a atuação do professor de Educação Física junto às pessoas com deficiência e outras necessidades” (CIDADE; FREITAS, 2002, p. 27)

A inserção de uma disciplina que trata da inclusão escolar veio como forma de romper o percurso histórico da Educação Física que sempre esteve relacionado as habilidades, nos quais são selecionados os mais aptos para a realização das atividades. Sendo assim, a Educação Física inclusiva busca romper esse paradigma, minimizando esta visão da disciplina e fazendo com que as escolas repensem suas práticas para que se possa incluir os alunos com qualquer tipo de deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou superdotação.

Para Cidade e Freitas (2002, p. 30) “não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação Física que se aplique no processo de inclusão, porque o professor sabe e pode combinar inúmeros procedimentos para promover a aprendizagem dos seus alunos”.

Não há uma receita pronta de como se deve dar o processo de inclusão, cabe ao professor conhecer seus alunos, realizar suas aulas buscando a aprendizagem e a participação de todos, para que haja um processo de ensino-aprendizagem de modo igualitário e eficaz para todos.

Para isto, acreditamos que a formação de professores exerce um papel fundamental nesse processo. A Educação Física, em especial, precisa rever as práticas que não foram planejadas para todos, a começar pela formação inicial na graduação.

Um programa que deve funcionar como aliado nesta conjuntura é o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) uma vez que seu objetivo é a iniciação à docência, ou seja, a formação inicial de novos professores.

O PIBID têm como objetivos principais: Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica; contribuir para a valorização do magistério;

e elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica; inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar; incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura (BRASIL, 2016).

Os participantes do PIBID são inseridos no cotidiano escolar, planejam e participam de experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar, buscando superar problemas identificados nos processos de ensino e aprendizagem.

O programa PIBID é um programa que auxilia no processo da formação inicial, visando o exercício da docência permitindo um processo de reflexão sobre a prática e sobre o cotidiano escolar. Sendo assim temos como objetivo, analisar as concepções sobre a inclusão escolar dos professores supervisores do programa PIBID do Estado de Mato Grosso. Visto que são os professores supervisores que atuam diretamente com os acadêmicos, ou seja, são os professores supervisores que estão auxiliando no processo de formação de outros professores.

Dessa forma, a questão problema que norteou nossa pesquisa foi: os professores supervisores do PIBID encontram-se alicerçados teoricamente para contribuir com a formação inicial dos futuros professores quando se almeja a inclusão de todos em sala de aula?

O objetivo geral elencado foi analisar a concepção dos professores supervisores do PIBID no que se refere a inclusão escolar.

2 | METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como sendo uma pesquisa qualitativa descritiva. A pesquisa qualitativa pode ser definida como,

Uma pesquisa que responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências sociais, como um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores, e das atitudes. (MINAYO, 2009, p.21)

Dentre as pesquisas descritivas salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo: sua distribuição por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, estado de saúde física e mental etc. (GIL, 2008, p. 28).

2.1 Sujeitos

Os sujeitos do estudo foram 04 professores que atuam na rede municipal e estadual de ensino do Mato Grosso. Estes professores também exercem a função de supervisores do PIBID/Educação Física em uma universidade pública do estado do MT. Os professores, dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, possuíam idade entre 26 e 40 anos e tempo de magistério que variou entre 5 meses a 7 anos de atuação no ambiente escolar.

2.2 Coleta de Dados

Para a coleta de dados utilizamos a entrevista como instrumento de pesquisa. A entrevista foi escolhida devido a sua flexibilidade e por ser uma das técnicas mais utilizadas em pesquisas qualitativas.

Segundo Gil (2008),

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, creem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. GIL (2008, p. 109)

As perguntas da entrevista continham perguntas acerca da compreensão dos professores sobre inclusão, da contribuição da formação acadêmica para se trabalhar a inclusão, as maiores dificuldades encontradas em se trabalhar inclusão e a respeito do que é preciso mudar na escola para que a mesma se torne inclusiva.

A análise dos dados coletados se deu a partir da discussão das respostas coletadas com a literatura que foi abordada a temática investigada.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso primeiro questionamento feito aos professores, identificados neste estudo pelos números 1, 2, 3 e 4, foi qual seria a concepção dos mesmos sobre a inclusão. Todos os professores disseram que a inclusão é incluir todos nas atividades, não deixando ninguém de fora, como as pessoas com deficiência, os alunos menos habilidosos e a diversidade de raça e classes sociais, como se observa abaixo nas falas do sujeito 1 e 4.

A inclusão escolar pra mim é não deixar ninguém de fora, não somente só a questão da deficiência, a questão do aluno gordinho, aquele aluno que não tem habilidade para uma modalidade esportiva, porque o que a gente vê a inclusão na escola não é só aqueles alunos especiais, mas aqueles alunos que não tem habilidade [...] (Sujeito1, Entrevista, 07.06.2017)

Então, nós procuramos trabalhar muito isso aqui na escola nas atividades, procurando trabalhar uma atividade que todo mundo participa, que todas as crianças participam para não deixar nenhuma de fora, não procurando trabalhar só aquilo que uns querem e outros querem, trabalhar a interação. Então a gente coloca todo mundo para interagir junto, pra entender o trabalho em equipe, que

um precisa do outro, que ninguém é melhor que ninguém, que não existe cor melhor, e nem pessoa da sua vida social melhor. (Sujeito 4, Entrevista, 28.06.2017)

Considerando as respostas dos professores percebe-se que os mesmos compreendem o significado de inclusão, que de certo modo os professores se preocupam com a interação e a participação de todos em suas aulas, buscando alternativas para que a inclusão aconteça. Compreendem assim que a inclusão é um processo onde todos os alunos são incluídos independente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica, étnica ou cultural.

Oliveira e Poker (2002) corroboram com as repostas apresentadas ao destacar que os objetivos da escola inclusiva são uma educação apropriada e de qualidade para todos os alunos, levando em consideração os alunos com necessidades educacionais especiais nas classes de ensino regular, lugar onde deverá ser desenvolvido um trabalho pedagógico que abranja todos os alunos.

Dando continuidade a entrevista, questionamos os professores se os mesmos se sentiam preparados para trabalhar a inclusão na escola. Dos quatro professores apenas um disse que se sente preparado e que está trabalhando a inclusão na escola, os demais apontaram que ainda carecem de uma compreensão melhor sobre o assunto, como se observa nas respostas abaixo:

Alguns momentos sim, depende da circunstância, e as vezes a gente chega na escola, você tem as vezes e fala assim, igual eu cheguei nessa escola e o aluno não enxerga, aí você pensa e agora o que eu vou fazer com esse aluno? Aí você vai pensando, adaptando as coisas, vai perguntando [...] (Sujeito 1, Entrevista, 07.06.2017)

Eu ainda encontro muita dificuldade sabe, acho que isso é um processo na verdade que a gente vem construindo isso junto com o processo histórico da educação, mas eu acredito que a gente avançou muito e uma coisa que eu não tenho medo e nem preguiça é de buscar informação, buscar conhecimento pra que cada dia isso possa ser um pouquinho mais evidente tanto para nós formadores quanto para os alunos. (Sujeito 2, Entrevista, 08.06.2017)

Sim, estou trabalhando, temos alunos deficientes, temos alunos nossa temos uma variedade de alunos com deficiência, de cores, até mesmo de situação financeira, então acontece muito isso, a discriminação ela é geral, não é só de cor. (Sujeito 4, Entrevista, 28.06.2017)

De acordo com as falas dos professores pudemos notar algumas dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar no que se refere a inclusão, dificuldades essas relacionadas ao tipo de deficiência, ao não contato com algum aluno deficiente ainda e ainda, relacionando a não capacitação e qualificação referente a inclusão escolar. Essas dificuldades citadas podem estar relacionadas com a formação inicial destes professores, que pode não ter oportunizado conhecimentos suficientes para se trabalhar com a inclusão escolar.

Todos os cursos de formação de professores precisam sofrer modificações para que seja possível uma melhor aprendizagem sobre a inclusão, para que os professores se sintam mais preparados, como nos traz Mantoan (2003, p. 43)

destacando que “todos os cursos de formação de professores devem sofrer modificações nos seus currículos, de modo que os futuros professores aprendam práticas de ensino adequadas às diferenças”.

Mesmo com as dificuldades citadas pelos professores, os mesmos buscam alternativas para que a inclusão aconteça, buscam adaptações, pesquisando, conversando com os familiares do aluno com alguma deficiência, com os colegas de classe para que suas aulas possam atingir a todos seus alunos. Não há uma fórmula mágica para se trabalhar a inclusão escolar, cabendo ao professor conhecer seus alunos e buscar subsídios para que todos possam participar e aprender nas aulas. Cidade e Freitas (2002) destacam que,

Não existe nenhum método ideal ou perfeito da Educação Física que se aplique no processo de inclusão, porque o professor sabe e pode combinar inúmeros procedimentos para remover as barreiras e promover a aprendizagem dos seus alunos. CIDADE; FREITAS (2002, p. 30)

Já a fala do sujeito 4 vai ao encontro do que destaca Oliveira e Poker (2002), quando mencionam que o paradigma da escola inclusiva pressupõe, conceitualmente, uma educação apropriada e de qualidade dada conjuntamente para todos os alunos – considerados dentro dos padrões da normalidade como os com necessidades educacionais especiais – nas classes do ensino comum, da escola regular, onde deve ser desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva a todos os alunos, indiscriminadamente.

Sendo assim, o ensino inclusivo é a prática da inclusão de todos, independentemente de seu talento, deficiência (sensorial, física ou cognitiva), origem socioeconômica, étnica ou cultural.

O próximo questionamento feito aos professores foi qual as dificuldades enfrentadas para se trabalhar a inclusão na escola e se consideravam que havia algum avanço. Obtivemos respostas bem distintas, como podemos ver nas respostas abaixo:

Material, eu pedi uma bola que tem aquele guizo, até hoje você entendeu? Ai falam a professora coloca um saco, mas toda vez tem que colocar saco na bola? Então as vezes é a própria escola[...].(Sujeito1, Entrevista, 07.06.2017)

Eu acho que uma das maiores dificuldades, aí envolve a acessibilidade, envolve a compreensão de todos, tanto o corpo docente quanto o corpo discente, os alunos, o respeito entre eles, acho que uma das maiores dificuldades, a aceitação, aceitar, eu ver o outro como ele é. Acho que uma das maiores dificuldades que a gente tem. (Sujeito 2, Entrevista, 08.06.2017)

[...]eu acredito que um dos maiores privilégios seria, teria que ter o PPP da escola, teria que ser bem elaborado quando se tem esse tipo de aluno, eu acredito que seria isso [...].(Sujeito 3, Entrevista, 27.06.2017)

Então, são os alunos que tem deficiência, nós encontramos um pouco de dificuldade de estar incluindo eles nas atividades, mas a gente procura trabalhar com eles também, a gente não tem ainda um resultado 100% que era o que a

gente gostaria. Mas nós começamos agora e até final do ano a gente espera ter um resultado mais positivo nessa questão. (Sujeito 4, Entrevista, 28.06.2017)

Como podemos perceber as dificuldades mencionadas são distintas, o sujeito 1 mencionou a dificuldade em se ter materiais que auxiliem no aprendizado dos alunos com deficiência, a falta dos materiais necessários dificulta o planejamento dos professores, fazendo com que o professor busque adaptações de materiais para que se consiga realizar as aulas e incluir os alunos deficientes.

A gestão escolar deveria buscar subsídios para que se pudesse proporcionar materiais, pois como nos destaca Marques; Oliveira e Santos (1998) a efetivação de uma prática educacional inclusiva requer, necessariamente, que todos os professores e outros profissionais da educação sejam dotados de materiais, instrumentos e referenciais teóricos e práticos para que possam adaptar suas práticas pedagógicas a fim de incluir todos os alunos, entre eles o aluno deficiente, com a construção de novas concepções quanto às diferenças, e, acima de tudo, com o trabalho em relação à diversidade, seja ela física, cognitiva ou social, dentro da escola.

Foi mencionado também como dificuldade a acessibilidade do aluno com deficiência, o respeito, a compreensão dos professores e alunos e também a respeito da elaboração do Projeto Político Pedagógico voltado para a inclusão escolar quando houver aluno com deficiência na escola, que está interligado com a acessibilidade, respeito e compreensão citados pelo sujeito 2.

O projeto político da escola precisa ser elaborado visando a oportunidade e aprendizagem a todos os alunos, criando-se assim formações continuadas para se discutir sobre a inclusão escolar é através do projeto político pedagógico que se pode estabelecer as medidas e prioridades na busca da inclusão da comunidade na qual está inserida.

Mantoan (2001) enfatiza este posicionamento quando relata que

Reconstruir os fundamentos e a estrutura organizacional das escolas na direção de uma educação de qualidade para todos remete, igualmente, a questões específicas, relacionadas ao conhecimento do objeto ensinado e ao sujeito que aprende. Trata-se de mais um desafio que implica a consideração da especificidade dos conteúdos acadêmicos e a subjetividade do aprendiz, ou seja, um sistema duplo de interpretação do ato de educar, referendado por pressupostos de natureza epistemológica e psicológica, e a concretização de propostas inovadoras que revertam o que tradicionalmente se pratica nas salas de aula. (MANTOAN 2001, p. 53-54)

Para o sujeito 4, a maior dificuldade encontrada é incluir os alunos com deficiência nas aulas, o que nos acabou gerando uma surpresa, pois no questionamento anterior quando perguntamos se o sujeito se sentia preparado para trabalhar a inclusão, o mesmo disse que sim e que estava trabalhando. Sendo assim percebemos que houve um equívoco em seu entendimento sobre a inclusão escolar, mas em sua fala o mesmo diz que busca incluir os alunos deficientes nas aulas, mas que ainda não obteve um resultado satisfatório.

Sabemos que trabalhar a inclusão na escola não é uma tarefa fácil, pois é

preciso a participação de todos para que isso seja possível, é necessária uma grande transformação tanto no ambiente físico como nas pessoas, é necessário a aceitação dos alunos, dos familiares para que a oportunidade de aprendizagem seja destinada e aplicada a todos.

Para Sasaki (1997) a inclusão é um processo que exige transformações nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com deficiência, para que se alcance toda a sociedade, para que haja aceitação e valorização das diferenças individuais humanas, por meio da compreensão e da cooperação.

Em nosso último questionamento perguntamos aos professores o que é preciso mudar na escola para que ela se torne uma escola inclusiva. Todos os professores responderam que é necessário mudar o pensamento sobre a inclusão, que todos os professores precisam praticar a inclusão, que é necessário sempre a busca de conhecimentos, realização de formações continuadas, buscando a participação de todos, visando a efetivação da inclusão. Como se observa abaixo nas falas do sujeito 1 e 4.

Acho que seria o pensamento assim de todos na questão da inclusão, não adianta só eu mudar minha aula se a outra professora não mudar a aula [...]. (Sujeito1, Entrevista, 07.06.2017)

[..] nós precisamos trabalhar atividades diferenciadas e através de reuniões também, toda segunda-feira que nós já fazemos que é a sala do educador com a formação continuada, então nós discutimos muito esses temas e trabalhos e elaboramos planos de aulas pra tá trabalhando com essas crianças com um todo interdisciplinar, com todas as disciplinas. (Sujeito 4, Entrevista, 28.06.2017)

Como podemos perceber os professores consideram que para que a escola se torne inclusiva é necessário o envolvimento de todos do ambiente escolar, é necessário que todos busquem aplicar a inclusão, que busquem conhecimentos e que se aperfeiçoem para que a se possa haver a inclusão escolar.

Para Mantoan (2003, p. 31) “a inclusão é a modificação da sociedade, sendo ela adaptada para receber as pessoas com deficiência”. Portanto é preciso que a sociedade se adapte, que a escola mude para receber os alunos deficientes, não apenas preparando o ambiente físico, mas buscando estratégias para que o processo de ensino- aprendizagem sejam eficientes e atinjam todos os alunos.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos notar que os professores de Educação Física que atuam como supervisores do programa PIBID, compreendem o significado de inclusão e buscam aplicar a mesma em suas aulas. Percebemos ainda que os professores sentem dificuldades no que diz respeito a este tema, mas buscam informações e adaptações para que suas aulas atinjam todos alunos.

Este trabalho nos proporcionou identificar que uma grande parte dos professores não se consideram totalmente preparados para trabalhar a inclusão, isso se explicita ainda mais a cada tipo de deficiência encontrada no ambiente escolar. A dificuldade em se trabalhar a inclusão na escola nesta pesquisa está relacionada a formação inicial dos mesmos, pois a mesma não forneceu subsídios que pudesse contribuir para uma formação mais solidificada. Outros fatores como a infraestrutura escolar, a falta de materiais e principalmente a participação de todos da comunidade escolar, incluindo a família do aluno com deficiência também foram apontadas como elementos dificultadores para se ter uma escola inclusiva.

Dessa forma, acreditamos ainda, que por se tratar de professores que se encontram ligados diretamente a formação de novos professores, a partir do ambiente de trabalho destes profissionais, que os supervisores precisam receber formação que os qualifiquem a ensinar ainda mais do que já fazem, pois a inclusão de todos requer um conhecimento mais aprofundado.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, J.S; DUARTE, E. **Educação inclusiva: um estudo na área da educação física**. Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Mai.-Ago. 2005, v.11, n.2, p.223-240

BRASIL. **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior**. <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>. Acesso em: 02/07/2017

BRASIL. Lei nº13.146 de 6 de julho de 2015. **Estatuto da Pessoa com Deficiência, 2015**.

CIDADE, R, E; FREITAS, P, S. **Educação Física e Inclusão: considerações para a prática pedagógica na escola**. Revista Integração. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Ano14. Edição especial 2002 pg.26 – 30.

FILUS, J. F; MARTINS, J. **Reflexões sobre a formação em educação física e a sua aplicação no trabalho junto às pessoas com deficiência**. Curso de mestrado em educação, Maringá, V.15, p. 79-82, Ano 2004.

GIL. A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6.Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNQUEIRA. F. J.; BACCIOTTO.S.M. **Educação física adaptada: as dificuldades encontradas pelos professores de educação física de Campo Grande/MT frente à inclusão**, Mato grosso. 1- 8 ,2004.

MANTOAN, M. T. E. (Org.). **Pensando e fazendo educação de qualidade**. São Paulo: Moderna, 2001.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** Editora Moderna 2003.

MARQUES, L. P.; OLIVEIRA, L. A.; SANTOS, N. A. S. Integração de Paralisados Cerebrais: um Estudo. In: **Temas sobre Desenvolvimento**, vol. 7, nº 40, p.16- 23, 1998.

MAZZOTTA, M. J. S. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 28. Ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009.

OLIVEIRA, A. A. S.; POKER, R. B. Educação inclusiva e municipalização: a experiência em educação especial de Paraguaçu Paulista. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, SP, n. 3, v. 2, p. 233-244, jul./dez. 2002.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, S. B. **Análise das relações existentes na legislação que orienta a formação profissional dos especialistas em Educação Física e Desportos e os planos nas áreas educacional e desportiva no Brasil**. 1993. (Dissertação de Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOBRE O ORGANIZADOR

WENDELL LUIZ LINHARES - Possui graduação plena em Ciências Biológicas pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI (2011), especialização “Lato Sensu” em Educação e Gestão Ambiental pela Faculdade de Ensino Superior Dom Bosco (2011). Em 2016 concluiu sua segunda graduação, sendo o curso de licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG e em 2019 se tornou Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG). Seus estudos têm como objeto o Esporte, sobretudo, o Futebol, tendo pesquisado suas diversas manifestações durante a graduação e pós-graduação. Atualmente têm desenvolvido pesquisas relacionadas ao processo de “identificação e pertencimento clubístico” e atua como docente da disciplina de Educação Física na Rede Particular de Ensino da cidade de Ponta Grossa – Paraná.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Atividade Motora 104
Atletismo 17, 30, 177
Autonomia de Idosos 104

B

Benefícios 104, 112, 139

C

Capacidades Funcionais 43
Crianças 88

D

Dança 186, 187
Deficiência Intelectual 79
Desempenho Acadêmico 88

E

Educação Básica 11, 25, 29, 30, 43
Educação em Saúde 121
Educação Física Escolar 5, 11, 17, 60
Ensino 1, 8, 13, 14, 17, 24, 71, 89, 91, 188
Ensino Fundamental 13, 24, 71, 89
Envelhecimento 103, 104, 112, 113, 139
Escola 10, 14, 42, 43, 52, 53, 54, 59, 60, 86, 170
Estágio Supervisionado 1, 2, 3, 8, 9, 11, 12, 13, 14
Exercício Aeróbico 114, 118

F

Fenomenologia 187
Funcionamento Executivo 88

G

Gênero 1, 10, 19

H

HIV 8, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 125, 126

HIV/AIDS 8, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 126

I

Idosos 103, 104

Inclusão Escolar 41

J

Jogos 5, 9, 66, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 86

Jogos Olímpicos 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

L

Lazer 5, 9, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 166, 167, 168, 169

M

Memória 171, 180

N

Neuropsicopedagogia 88, 97

P

Políticas Públicas 5, 9, 156

Prática Pedagógica 54

Professor 17, 23, 24, 25, 29, 76, 171

Q

Qualidade de Vida 52, 134, 137, 142, 156

R

Relato de Prática 71

S

Saúde 10, 43, 52, 53, 60, 105, 113, 120, 121, 124, 126, 129, 130, 131, 136, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 154, 171

Sono 145, 148

T

Tênis 60, 62, 66, 67, 68, 69, 70

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-567-9

